

**O PAPEL DO GESTOR EM RELAÇÃO AO IMPACTO DO ALCOOLISMO NO
DESEMPENHO DAS ATIVIDADES LABORAIS NAS EMPRESAS DO RAMO DA
CONSTRUÇÃO CIVIL EM PASSO FUNDO/RS**

**THE ROLE OF THE MANAGER IN RELATION TO THE IMPACT OF
ALCOHOLISM ON THE PERFORMANCE OF LABOR ACTIVITIES IN THE
COMPANIES OF THE CIVIL CONSTRUCTION STRUCTURE IN PASSO
FUNDO/RS**

Jaqueline Garcia Fisch*

Cintia Sonale Rebonatto**

Carlos Costa***

RESUMO

No Brasil, a magnitude dos problemas em torno do alcoolismo pode ser percebida pela edição de inúmeras medidas legais que restringem a venda e o uso de bebidas alcoólicas. Nessa direção, este estudo descritivo, de natureza quantitativa, foi realizado com o objetivo de verificar de que maneira atuam os gestores do ramo da construção civil do município de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, frente aos colaboradores alcoolistas. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário com 36 questões, aplicado a uma amostra de 50 gestores. Constatou-se que os casos de alcoolismo, bem como seus reflexos, são uma realidade nas empresas da construção civil. Assim, os gestores reconheceram a importância da temática, no entanto, as políticas e ações preventivas são ainda escassas no referido ambiente laboral, local favorável para ações de prevenção ao alcoolismo.

Palavras-chave: Consumo bebidas alcoólicas. Alcoolismo. Construção Civil. Gestão. Trabalhador alcoolista.

ABSTRACT

In Brazil, the magnitude of the problems in the use of alcohol can be perceived by the editing of copyrights that restrict the sale and the use of alcoholic beverages. In this direction, the quantitative descriptive study was carried out with the objective of verifying if the leaders of the civil branch managers of the municipality of Passo Fundo, in Rio Grande do Sul, face the alcoholic collaborators. Data collection was performed through a questionnaire of 36 questions, applied to a sample of 50 managers. It was verified that the cases of alcoholism, as well as its reflexes, are a reality in the construction companies. Thus, managers recognized the importance of care, however, as preventive and preventive policies are limited to local, local work favorable to actions to prevent alcoholism.

* Graduada em Administração da Faculdade IMED. E-mail: <jaqueline.fisch@hotmail.com>.

** Mestranda do PPGA da IMED Business School e Especialista em Gestão de Pessoas (UPF). E-mail: <cintiasonale@gmail.com>.

*** Ph.D. in Plant Science (McGillUniversity, Canadá) e MBA em Gestão Empresarial (FGV). Professor do Programa de PPGA da IMED Business School. E-mail: <carlos.costa1@gmail.com>.

Keywords: Consumption of alcoholic beverages. Alcoholism. Construction. Management. Alcoholic worker.

1 INTRODUÇÃO

O alcoolismo é considerado uma doença que pode causar danos físicos e psicológicos, interferir negativamente nas relações pessoais e profissionais do indivíduo, entre outras consequências adversas. Nas américas, em 2012, o álcool causou em média uma morte a cada 100 segundos (OPAS, 2016). No Brasil, cerca de 10% da morbidade e da mortalidade da população em geral é causada pelo consumo dessa droga, por isso considera-se o alcoolismo um dos mais graves problemas de saúde pública no país (MELONIA; LARANJEIRA, 2004).

No que se refere ao âmbito laboral, os índices crescem ao longo dos anos, criando um estado de alerta. Segundo dados do Ministério da Previdência, 347.611 brasileiros foram afastados de suas atividades profissionais devido ao consumo de álcool e de outras drogas no período de 2006 a 2014 (SESI, 2016). O alcoolismo é o terceiro motivo para absenteísmo, a causa mais frequente de aposentadorias precoces e acidentes no trabalho e, ainda, a oitava causa para concessão de auxílio doença pela Previdência Social (MELONIA; LARANJEIRA, 2004; ABEAD, 2017). Somam-se a essas consequências, a queda de produtividade, a sobrecarga do sistema de saúde e a diminuição da qualidade de vida do trabalhador (TECCO; JACQUES; ANNEMANS, 2013; SOARES; FERREIRA, 2017).

Faz parte desse contexto, as empresas da construção civil, um importante setor econômico, caracterizado por apresentar um ambiente laboral com elevado grau de risco para acidentes de trabalho e, aliado, ao alto consumo de álcool e alcoolismo (SILVEIRA et al., 2005; SESI, 2015; SILVA; BEMFICA, 2015). O uso de substâncias psicoativas dentro desse contexto potencializa os riscos de acidentes, trazendo prejuízos às empresas, aos indivíduos, às suas famílias e outros arranjos sociais (LENAD, 2012).

Ante ao exposto, a gestão de tais organizações pode contribuir auxiliando na prevenção do alcoolismo por meio de uma estrutura de saúde ocupacional, segurança e qualidade de vida no ambiente de trabalho (FERNANDES et al., 2014). Para tanto, é fundamental que os gestores agreguem às suas rotinas o entendimento e a determinação sobre a melhor forma de enfrentar as diversas circunstâncias envolvendo o uso do álcool que possam interferir no ambiente laboral e, consequentemente, nos resultados da empresa.

Assim, tendo em vista os malefícios ocasionados pelo álcool no âmbito profissional, bem como as especificidades da área da construção civil e as necessidades de uma gestão capaz

de minorá-las, este estudo teve por objetivo verificar como os gestores atuam diante de contextos organizacionais em que há colaboradores alcoolistas. Isso, a partir da identificação das consequências trazidas pelo alcoolismo à organização, tendo como foco o ramo da construção civil no município de Passo Fundo, Estado do Rio Grande do Sul (RS).

2 ALCOLISMO E CONTEXTO LABORAL

As drogas, dentre elas o álcool, “são substâncias que provocam alterações físicas e psicológicas nas pessoas que as consomem” (RONZANI; NOTO; SILVEIRA, 2014, p. 7). Estudos prévios indicam que geralmente o indivíduo recorre ao álcool para aliviar tensões, dentre as quais se encontram a ansiedade e o incentivo de grupos de amigos (NASCIMENTO; NASCIMENTO; SILVA, 2007), problemas financeiros, problemas familiares (MORAES; PILATTI, 2004) e, ainda, em razão da predisposição genética (FELIPPE; SANTOS, 2014), dentre outros.

A sociedade, de modo geral, apresenta um elevado padrão de consumo de álcool, portanto, o alcoolismo é considerado um grave problema em termos de saúde pública em geral (ROSSATO; KIRCHHOF, 2004; VIEIRA; RIBEIRO; LARANJEIRA, 2007), e da população economicamente ativa, os trabalhadores, em especial (COELHO; COSTA, 2016). Nesse sentido, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014) infere que o alcoolismo pode gerar custos diretos, indiretos e intangíveis (MORAES et al., 2006; RUNDIO, 2013; GOMÉZ-AGUILAR, 2017) aos usuários e aos diversos contextos laborais.

Dentre essas consequências, pode-se citar a dependência, diversos danos físicos e psicológicos e reflexos negativos na vida profissional (OIT, 2008) do trabalhador alcoolista. Ademais, absenteísmo com faltas sem motivo específico, cansaço diário e redução da produtividade (SCHROEDER; HOCH, 2010), são também mencionadas como problemas apresentados por trabalhadores alcoolistas.

No que diz respeito às características desses, diferentes pesquisadores relacionaram os casos de alcoolismo, em sua maioria, ao sexo masculino (KARAM, 2004; LARANJEIRA et al., 2009; BRITES; ABREU; PINTO, 2014; COELHO; COSTA, 2016). O nível hierárquico também parece distinguir-se para caracterizar o alcoolismo de trabalhadores em geral. Ramos (2002) evidenciou que dentre as licenças devido ao alcoolismo, de 60 a 70% são de trabalhadores do nível de apoio.

Com relação ao tipo de profissão ou ambiente laboral, importa salientar que o vício pode estar inserido em empresas de diversos setores e em profissionais de diversas áreas, reforçando

a ideia de que as características e as condições de trabalho são relevantes e capazes de influenciar positiva ou negativamente na saúde dos trabalhadores (MANGADO; GÚRPIDE, 2008). No entanto, há estudos que apontam o ambiente laboral como facilitador de uso, quando apresenta uma cultura que leva ao consumo elevado de álcool (MURTA, 2007; FELIPPE; SANTOS, 2014).

Profissões específicas parecem inferir sobre os índices de alcoolismo para diversos outros autores (KARAM, 2004; LARANJEIRA et al., 2009; BRITES; ABREU; PINTO, 2014; COELHO; COSTA, 2016). Dentre essas, as relacionadas à construção civil, ambiente caracterizado pela população do gênero masculino, bem como pelo elevado grau de risco de acidentes (BRASIL, 2001). Karam (2004) corrobora com esses achados, uma vez que sua pesquisa envolvendo diferentes ocupações revelou que os setores da construção civil, transporte, serventes e mecânicos estavam no grupo de ocupações de risco relacionadas ao alcoolismo. Resultados similares foram obtidos por Costa et al. (2013). Outro estudo, uma intervenção multidisciplinar realizada com 172 trabalhadores da construção civil, identificou 61 em situação de uso abusivo ou dependência do álcool, os quais posteriormente foram encaminhados para tratamento adequado (TRAJANO SOUZA, 2016).

A construção civil é um setor economicamente importante e tecnologicamente desenvolvido, porém, as evidências sobre saúde e segurança nessa área, caminham em descompasso (ZAGO et al., 2014; SESI, 2015). Reconhecida mundialmente como uma profissão de alto risco para acidentes fatais e não fatais (HOLANDA, 2013; ARAÚJO, 2016), também é caracterizada por envolver mão de obra predominantemente masculina, com baixos índices de escolaridade (TECCO; JACQUES; ANNEMANS, 2013; GAVIOLI et al., 2014; SILVA; BEMFICA, 2015) e alta rotatividade e, em consequência, pouco treinamento na profissão (SESI, 2016).

No que diz respeito ao elevado número de acidentes nesse setor pode-se tomar por base o estudo de Silveira et al. (2005), que analisaram 6.122 prontuários hospitalares evidenciando que 618 eram relacionados a acidentes de trabalho e, desses, 24,27% da construção civil. Outro estudo, realizado com 418 trabalhadores da construção civil, no Paraná, identificou que 23% da amostra apresentava risco moderado ou elevado ao consumo de álcool (GAVIOLI, 2012).

2.1 PREVENÇÃO AO ALCOOLISMO NAS EMPRESAS

Todas as ações relacionadas à saúde dos trabalhadores realizadas por empresas são de extrema relevância, pois esse ambiente representa um *locus* social muito importante para a sociedade em geral (RAMOS, 2002), pela sua contingência, número de pessoas que agrega e pelo seu poder influenciador (OIT, 2008). Na mesma direção, torna-se um lugar propício para a prevenção do alcoolismo (BASTÚS, 2002; OIT, 2008; AMES; BENNETT, 2011), evidenciando-se o papel social que as empresas exercem na prática de tais programas e no atendimento a trabalhadores alcoolistas (MORAES; PILATTI, 2004). Ações voltadas à prevenção dos abusos de substâncias no local de trabalho apresentam diversas vantagens, dentre essas, conforme a OIT (2008), podem atingir diversas faixas etárias, reduzir o número de afastamentos e acidentes de trabalho.

Embora o trabalhador seja o principal agente na busca e início do processo de recuperação (RAMOS, 2002), não deve ser considerado o único responsável pela condição de dependente de álcool (RONZANI; NOTO; SILVEIRA, 2014). Por isso, as intervenções realizadas no ambiente laboral podem contribuir, evitando que a situação seja agravada e que o trabalhador entre na fase de dependência (OIT, 2008). As intervenções realizadas pela empresa podem contribuir para que o trabalhador alcoolista não seja estigmatizado pelos demais e para que o alcoolismo seja compreendido como doença, evitando barreiras para o processo de recuperação e também para uma futura readaptação às atividades laborais (RAMOS, 2002; RONZANI; NOTO; SILVEIRA, 2014).

Não há um modelo ideal de programa que possa atender a todas as espécies de empresa, sendo necessário que cada uma adapte suas estratégias de prevenção e intervenção levando em consideração as particularidades do contexto e o ambiente de trabalho (BASTÚS, 2002). De modo geral, o processo de prevenção envolve a sensibilização sobre o assunto e o apoio individual e em grupos, que resultam na promoção de um ambiente saudável (OIT, 2008). Tal apoio é também mencionado por Ramos (2002) e Ames e Bennett (2011), ao referirem que as ações de enfrentamento do alcoolismo necessitam de entendimento, envolvimento e colaboração de todos os trabalhadores, e não apenas do colaborador alcoolista.

O sucesso dos esforços direcionados à educação e à prevenção ao alcoolismo está relacionado ao fato de haver resultados positivos na mudança de percepções e práticas sobre abuso de substâncias (AMES; BENNETT, 2011). São citados ainda: valorização do trabalho, redução dos atrasos e absenteísmo, melhora do relacionamento com os colegas de trabalho (MORAES; PILATTI, 2004). Alcoolistas que já foram auxiliados no ambiente laboral reconhecem a positividade da ação desenvolvida pela empresa em sua vida profissional e pessoal (MORAES; PILATTI, 2004).

Apesar da necessidade de ações preventivas e terapêuticas e dos aspectos positivos a elas relacionados, a realidade denota que existe um conhecimento precário ou subestimado dos reflexos do álcool no ambiente laboral por parte da gestão que, ainda e não raro (embora indesejável) pratica a demissão do trabalhador alcoolista (HOLANDA, 2013). O fato de os gestores não possuírem um entendimento claro quanto ao alcoolismo, e sobre como lidar com ele, pode gerar mais agravantes. Outra questão que se mostra desfavorável aos incentivos de prevenção e tratamento dos alcoolistas relaciona-se à quando o gestor também apresenta histórico de alcoolismo em sua vida pessoal ou familiar (ROSSATO; KIRCHHOF, 2004).

Assim como impacta o conhecimento da gestão sobre o alcoolismo e suas variáveis, é importante entendê-lo do ponto de vista dos trabalhadores para, assim, direcionar as ações de modo mais eficaz (CARRILLO; MAURO, 2003). Para tanto, as pesquisas sugerem a adoção de práticas mais realistas, visando diminuir os fatores de risco por meio de ações relacionadas à qualidade de vida, à promoção da saúde e à segurança laboral (BRASIL, 2001; SENAD, 2008). Embora possa haver desafios para o sucesso dessas ações - como, por exemplo, a resistência ou o medo de procurar o auxílio, a recaída após iniciar o tratamento - esses fatores fazem parte do amadurecimento e sucesso dos programas (MORAES; PILATTI, 2004).

Levando em consideração as evidências de alcoolismo no meio laboral da construção civil, bem como a importância e necessidade dos programas de prevenção e terapêutica nesse ramo, é relevante que pesquisas auxiliem nesse enfrentamento (GAVIOLI et al., 2014). Isso, pois, na relação alcoolismo e empresas, outra realidade encontrada refere-se à ausência de programas de prevenção ou intervenções relacionadas ao álcool (SCHROEDER; HOCH, 2010), apesar de já terem evidenciado casos de alcoolismo em seus ambientes laborais (COELHO; COSTA, 2016). Desse modo, e contemplando a realidade específica das empresas da construção civil, é fundamental que as organizações façam a sua parte na prevenção e, também, no processo de gestão e reinserção do trabalhador debilitado pelo alcoolismo (CRUZ, 2012).

3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Para atender ao objetivo desta pesquisa - verificar de que maneira os gestores atuam diante de contextos organizacionais em que há colaboradores alcoolistas, a partir da identificação das consequências trazidas pelo alcoolismo à organização, tendo como foco o ramo da construção civil no município de Passo Fundo (RS) - foi realizado um estudo de caráter

descritivo (CERVO; BERVIAN, 2002), de natureza quantitativa (MALHOTRA, 2012) e de corte transversal (MALHOTRA, 2012).

A pesquisa foi realizada com uma amostra de 50 gestores de empresas do ramo da construção civil localizadas no município de Passo Fundo dentre as 2.208 empresas cadastradas no Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2016). A técnica de amostragem foi não probabilística (MALHOTRA, 2012), por conveniência (MATTAR, 2007), de acordo com a disponibilidade e interesse dos participantes. Serviu como critério de composição da amostra ter no mínimo seis colaboradores registrados na empresa e o gestor ter seis meses ou mais de tempo de serviço - período razoável para que o gestor consiga perceber e reconhecer as características de sua equipe. Foram desconsideradas as empresas constituídas como Micro Empreendedor Individual (MEI).

Os dados primários foram coletados pela aplicação de questionários, adaptados de Holanda (2013), compostos de uma escala *Likert* de 5 pontos, 0 correspondendo a 'discordo totalmente' e 5 'concordo totalmente'. Após contato telefônico os questionários foram enviados por meio eletrônico, sendo que sua primeira seção buscou identificar o perfil da empresa e do gestor, enquanto a segunda seção compôs-se de perguntas relacionadas ao contexto sobre o alcoolismo e a empresa de modo geral.

A análise dos dados foi realizada com o auxílio do software *SPSS Statistics*. Os dados coletados foram submetidos à análise estatística descritiva. Para analisar as variáveis: situação da empresa em relação ao alcoolismo e ambiente laboral e, também, percepção do gestor sobre o alcoolismo e ambiente laboral, foram realizadas análises como a média, frequência e distribuição de frequência.

A associação entre as variáveis qualitativas 'porte da empresa' e 'o consumo excessivo de álcool é um fator recorrente entre os trabalhadores da empresa', bem como as variáveis 'nível de formação dos gestores' e 'considero o alcoolismo uma doença' foi medida por meio do teste de Qui-quadrado. Para tanto, as respostas das variáveis da escala *Likert* foram previamente codificadas em 1 (discordo totalmente e discordo); 0 (não concordo nem discordo) e 2 (concordo e concordo totalmente).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir serão apresentados os resultados e discussões da pesquisa. Inicialmente, realizou-se a caracterização da amostra e após as análises da variável (categoria 1) situação da

empresa em relação ao alcoolismo e ambiente laboral, e a da variável (categoria 2) percepção dos gestores sobre o alcoolismo e ambiente laboral.

A amostra da pesquisa compôs-se de 50 participantes caracterizados como gestores da empresa ou de um setor específico de organizações da construção civil situadas no município de Passo Fundo (RS). Esses, predominantemente do sexo masculino, 92% (n=46). Relativo ao nível de formação observa-se o seguinte panorama: 2% (n=1) possuem o ensino fundamental incompleto; 8% (n=4) o fundamental completo; 32% (n=16) o ensino médio completo; 8% (n=4) o ensino superior incompleto e o 48% (n=24) ensino superior completo. Informaram ter outro tipo de formação, 2% (n=1) dos trabalhadores. Cumpre mencionar, que não há profissional com ensino médio incompleto. Esse dado é divergente do sugerido por Brites et al. (2014), onde consideram que no setor da construção civil, a mão de obra é caracterizada pelo baixo grau de instrução. Neste sentido, os autores ressaltam que há uma relação entre o nível de escolaridade e o consumo considerado de risco para o uso de álcool.

Referente a função desempenhada pelo gestor na empresa, relativa maioria, 30% (n=15), são Diretores. Em se tratando das demais funções: 26% (n=13) são Gerentes; 20% (n=10) são Mestres de Obra; 10% (n=5) são Técnicos em Segurança do Trabalho; 6% (n=3) são Administradores; 4% (n=2) Sócios; 2% (n=1) Engenheiros e 2% (n=1) Engenheiros do Trabalho (n=1). Os gestores, em média, atuam há 7,9 anos na empresa.

No que diz respeito ao porte das organizações participantes deste estudo, o maior percentual caracteriza-se como pequena empresa, 52% (n=26), sendo as demais subdivididas em média empresa (26%) e microempresa (22,%). Não houve participantes que preenchessem o quesito grande empresa.

Em relação ao tempo de atuação da empresa no ramo, 24% (n=12) possuem até 5 anos; 42% (n=21) de 6 a 10 anos e 34% (n=17), em média, as empresas atuam há 11,5 anos no mercado. Sendo que 38, a maioria delas, possui acima de 6 anos, ou seja, 76% da amostra pesquisada. Quanto ao número de empregados, a maior parte delas possui mais de 20 empregados (52%), sendo que 20% possuem até 10 empregados, 28% de 11 a 20 empregados.

Após à análise dos dados demográficos, descrevendo-se as características da amostra, as questões foram classificadas em duas grandes categorias: 1) questões referentes à situação da empresa no que se referente ao alcoolismo no ambiente laboral; e, 2) questões referentes à percepção do gestor sobre o alcoolismo e ambiente laboral.

Desse modo, no que se refere à situação da empresa em relação ao alcoolismo e ambiente laboral, na perspectiva dos gestores (categoria 1), 94% (n=47) dos gestores concordam ter havido casos de alcoolismo na empresa. Esse resultado confirma o estudo de

Brasil (2001), que relaciona maior frequência de casos de alcoolismo em profissões específicas, dentre elas o setor da construção civil. Por outro lado, 64% (n=32) dos gestores afirmam não ser o alcoolismo um fator recorrente entre os trabalhadores da empresa. Ainda, o teste de Qui-Quadrado, informa que o fato do consumo excessivo de álcool ser um fator recorrente entre os trabalhadores, não está associado com o porte da empresa ($\chi^2 = 2,360$; gl = 4; $p > 0,05$).

Outro dado relevante obtido na análise refere-se ao fato de que 96% (n=48) dos casos de alcoolismo ocorrem entre os homens, facilmente explicados por ser esta uma profissão exercida predominantemente por trabalhadores do sexo masculino. Os resultados estão em concordância com os estudos de Coelho e Costa (2016) e Laranjeira et al. (2009), os quais relacionam os casos de alcoolismo, em sua grande maioria, ao sexo masculino.

Quanto às medidas preventivas a maioria das empresas pesquisadas não possui registros de as terem praticado (86%), nem de terem políticas destinadas à prevenção (60%), programas assistenciais (92%), programas de reinserção (96%), programas preventivos (90%) ou programas integrados a outra entidade (94%) relacionados ao alcoolismo. Tais resultados corroboram com a realidade denunciada no estudo de Holanda (2013), ao relatarem que não existem programas de prevenção ou intervenção em empresas de construção civil.

No contexto pesquisado, 54% dos gestores afirmam que os trabalhadores recebem treinamentos/palestras sobre saúde e segurança do trabalho, embora, 50% dos pesquisados também afirmem que o assunto alcoolismo não é abordado nesses treinamentos/palestras. Ainda, destaca-se que 62% dos gestores afirmam que o (s) trabalhador (res) alcoolista (s) não se envolveram em acidentes de trabalho. Por outro lado, as faltas ao trabalho representam 80% de grau de concordância, na percepção dos entrevistados.

No que se refere à percepção dos gestores sobre o alcoolismo e ambiente laboral (categoria 2), os dados analisados evidenciam que o grau de concordância para os gestores que consideram o alcoolismo uma doença é de 64%. Embora o grau de concordância seja elevado, destaca-se que 20% das respostas foram neutras, ou seja, não concordam nem discordam com a afirmativa, ainda 16% discordam que o alcoolismo é uma doença. Ainda nesse contexto, o teste de Qui-Quadrado informou que as respostas sobre considerar ou não o alcoolismo uma doença, não são diferentes quando associadas ao nível de formação dos gestores ($\chi^2 = 14,766$; gl = 10; $p > 0,05$).

Quanto a se sentir responsáveis por identificar trabalhadores alcoolistas na equipe de trabalho, 50% dos gestores indicam que não se sentem responsáveis, pois isso é uma situação pessoal do trabalhador. Além disso, 78% concordam que o trabalhador alcoolista pode

comprometer a imagem da empresa. Ainda, 56% discordam que a ação imediata após identificar o trabalhador alcoolista deve ser a demissão.

Em se tratando do fato de sentir-se preparado para identificar um trabalhador alcoolista por já ter convivido com um alcoolista, há 26% de concordância entre os gestores. Além disso, embora 48% concordem que o ambiente laboral é um fator influenciador positivo ou negativo ao uso/abuso de bebidas alcoólicas, outros 30% discordam dessa afirmativa. A maioria dos gestores concorda que o ambiente laboral é um local apropriado para a prevenção (54%), que a empresa tem um papel social perante a sociedade (92%) e que a organização que investe em programas de prevenção pode contribuir positivamente para evitar novos casos (82%). Nesse sentido, os resultados da pesquisa corroboram com os achados do estudo realizado por Moraes e Pilatti (2004), pois afirmam que o papel social que as empresas exercem pode ser utilizado para inserir programas de prevenção e assistencial.

Os dois principais sintomas percebidos pelo gestor em trabalhadores alcoolistas foram hálito alcoólico (29,6%) e olhos lacrimejantes (19,8%). Destaca-se, também, falta de coordenação motora e tremor fino nas extremidades, ambas com 17,3% cada. Esses quatro sintomas representam 84% das respostas (Figura 1).

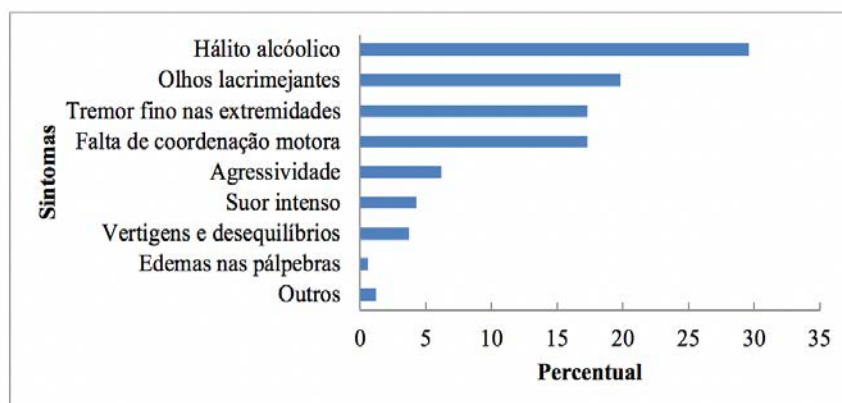


Figura 1 – Sintomas mais comuns observados em trabalhadores alcoolistas
Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Os itens atrasos e baixa produtividade, ambos representando 19,8% cada, foram os principais reflexos do alcoolismo no ambiente laboral apontados pelos gestores. Todos os itens foram pontuados em algum momento sendo que 68,6% das respostas concentram-se em baixa produtividade, atrasos, falta ao serviço e desatenção (Figura 2).

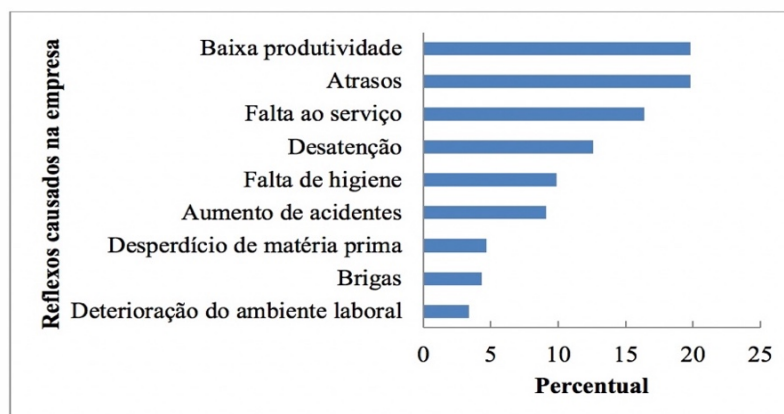


Figura 2 - Reflexos que um trabalhador alcoolista causa na empresa
Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Tais resultados corroboram aqueles obtidos no estudo de Moraes et al. (2006), segundo os quais o alcoolismo pode gerar custos diretos, indiretos e intangíveis. Quanto aos principais reflexos causados à empresa, o estudo confirma o exposto por Schroeder e Hoch (2010), os quais pontuam faltas e redução da produtividade como reflexos. Também confirma o exposto pelo estudo de Holanda (2013), cujos resultados ressaltam que, embora as empresas tenham conhecimentos sobre os reflexos que o alcoolismo pode causar ao ambiente laboral, não são propostas ações relevantes para esse contexto.

No que se refere à representação do trabalhador alcoolista para os demais colegas de trabalho (Figura 3), os resultados obtidos demonstram que a maioria dos trabalhadores alcoolistas é tratada como os demais (56,7%) na percepção do gestor. Por outro lado, comentários que ferem a integridade representam 30%. Ainda nesse contexto, ressalta-se o percentual de 10% para “humilhação perante o grupo”.

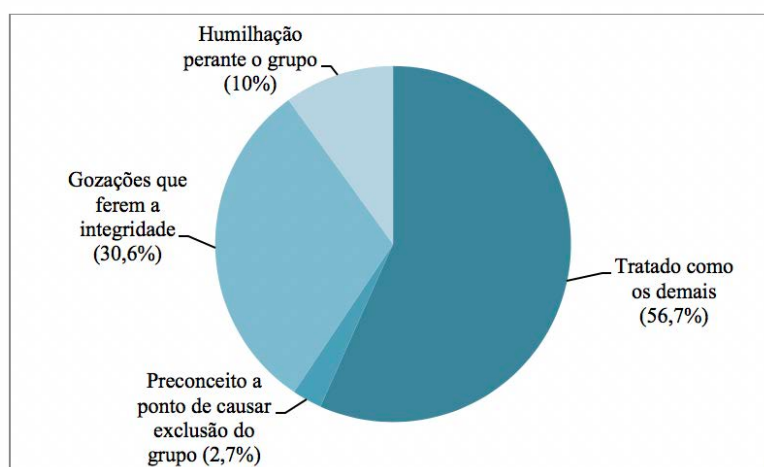


Figura 3 - Representação do trabalhador alcoolista para os colegas de trabalho, na perspectiva do gestor
Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Esses últimos resultados corroboram o estudo de Ronzani, Noto e Silveira (2014), pois explicam que se o alcoolismo não é percebido como uma doença pode resultar em preconceito relacionado ao caráter do indivíduo alcoolista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve o intuito de verificar de que maneira os gestores atuam diante de contextos organizacionais em que há colaboradores alcoolistas, a partir da identificação das consequências trazidas pelo alcoolismo à organização, tendo como foco o ramo da construção civil no município de Passo Fundo/RS.

A pesquisa demonstrou que há um elevado grau de prevalência de trabalhadores alcoolistas nas empresas participantes do estudo. Evidenciou, ainda, que as empresas e os gestores têm consciência sobre o assunto, os reflexos e o papel da organização. Porém, não possuem uma estrutura para trabalhar esses assuntos preventiva e corretivamente. Tais achados denotam a relevância social da discussão do tema alcoolismo. Apresentam-se como limitações do estudo o tamanho da amostra. Estudos futuros podem considerar envolver gestores de diversos níveis organizacionais da empresa, bem como os trabalhadores, e comparar as suas respostas.

Com tal direcionamento, entende-se que será possível um melhor entendimento dos principais aspectos na relação entre o alcoolismo e o ambiente laboral, contribuindo para posteriores ações gerenciais. Espera-se que a compreensão desse contexto possa ser estendida a outras regiões e ambientes laborais, contribuindo com os estudos já realizados, proporcionando uma nova perspectiva para estudos sobre esta temática onde a percepção dos gestores sobre o trabalhador alcoolista é abordada.

REFERÊNCIAS

ABEAD - Associação dos Estudos do Álcool e Outras Drogas. Relatório Anual. 2017

AMES, M.; BENNETT, J. Prevention interventions of alcohol problems in the workplace. **Alcohol research & Health**, v. 34, n. 2, p. 175-87, 2011.

ARAUJO, J. S.; SILVA, S. E. D.; CONCEIÇÃO, V. M.; SANTANA, M. E.; SOUZA, R. F. A bebida alcóolica no contexto laboral: um diálogo mediado pelas representações sociais. **Revista Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, v. 6, n. 3., p. 217-233, 2012.

BASTÚS, N. Problemas laborales asociados al consumo de alcohol. **Adicciones**, v. 14, n. 1, p. 239-249, 2002.

BRASIL - Ministério da Saúde do Brasil. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. **Doenças relacionadas ao trabalho**: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Ministério da Saúde do Brasil, Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil – Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001.

BRITES, R.; ABREU, A.; PINTO, J. Prevalência de alcoolismo no perfil das aposentadorias por invalidez dentre trabalhadores de uma universidade federal. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 3, p. 373-380, 2014.

CARRILLO, L.; MAURO, M. Uso e abuso de álcool e outras drogas: ações de promoção e prevenção no trabalho. **Revista Enfermagem UEFJ**, v. 11, n. 1, p. 25-33, 2003.

CERVO, A.; BERVIAN, P. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COELHO, E.; COSTA, C. consumo de álcool e seus reflexos na atividade laboral: como as organizações enfrentam o problema. In: X Mostra de Iniciação Científica e Extensão Comunitária e IX Mostra de Pesquisa de Pós-Graduação, 2016, Passo Fundo. **Anais...** Passo Fundo: IMED, 2016.

COSTA, E.; VIANA, D.; SILVA, A.; MACHADO, R. Padrão de uso de álcool e outras drogas por trabalhadores de obras públicas. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 27, n. 1, p. 76-81, 2013.

CRUZ, C. Alcoolismo no trabalho em debate. **Direito UNIFACS – Debate Virtual**, n. 149, 2012.

FELIPPE, T.; SANTOS, M. Uso abusivo de etílicos por servidores militares: abordagem de recuperação em centro de dependência química. **Revista Cuidarte**, v. 5, n. 2, p. 806- 812, 2014.

FERNANDES, M.; SANTOS, F.; SANTANA, K.; TELES, W.; SILVA, C. Consumo de álcool e sua influência no ambiente de trabalho da construção civil. **Scire Salutis**, v. 4, n. 2, p. 28-46, 2014.

GAVIOLI, A.; MATHIAS, T.; ROSSI, R.; OLIVEIRA, M. Risco relacionado ao consumo de drogas em homens trabalhadores da construção civil. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 27, n. 5, p. 471-478, 2014.

GAVIOLI, A. **Risco relacionado ao consumo de drogas de abuso entre trabalhadores da construção civil**: avaliação pelo método do rastreamento. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Departamento de Enfermagem, Universidade Estadual de Maringá, 2012.

GOMÉZ-AGUILAR, J. Analytical and Numerical solutions of a nonlinear alcoholism model via variable-order fractional differential equations. **Physica A: Statistical Mechanics and its Applications**, v. 494, n. 1, p 52-75, 2017

HOLANDA, M. **Programas de apoio a usuários de álcool na construção civil: um estudo em empresas de Mossoró – RN**. 2013, 36 f. Monografia (Graduação em Ciência e Tecnologia) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido -, Mossoró, 2013.

KARAM, H. Alcoolismo no trabalho. **Caderno Saúde Pública**, v. 21, n. 4, p. 1293-1295, 2004.

LARANJEIRA, R. ; PINSKY, I.; SANCHES, M.; ZALESKI, M.; CAETANO, R. Padrão de uso de álcool em brasileiros adultos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 32, n. 3, p. 231-241, 2009.

LENAD - Levantamento Nacional de Álcool e Outras Drogas. II Levantamento Nacional de Álcool e Outras Drogas (LENAD) – 2012. Ronaldo Laranjeira (Supervisão) [et al.], São Paulo: **Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de álcool e Outras Drogas (INPAD)**, UNIFESP, 2014.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 6.ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MANGADO, E.; GÚRPIDE, A. Consumo de alcohol y otras drogas em el medio laboral. **Medicina y Seguridad del Trabajo**, Madrid, v. 54, n. 213, p. 25-32, 2008.

MATTAR, F. **Pesquisa de marketing**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MELONIA, J.; LARANJEIRA, R. Custo social e de saúde do consumo do álcool. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 26, n. 1, p. 7-10, 2004.

MORAES, E.; CAMPOS, G.; FIGLIE, N.; LARANJEIRA, R.; FERRAZ, M. Conceitos introdutórios de economia da saúde e o impacto social do abuso de álcool. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, n. 4, p. 321–325, 2006.

MORAES, G.; PILATTI, L. Alcoolismo e as organizações: por que investir em programas de prevenção e recuperação de dependentes químicos. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 24., 2004, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABEPRO, 2004

MURTA, E. **A relação entre a atividade de coleta de lixo domiciliar de Belo Horizonte e o alcoolismo nos coletores: um estudo de caso**. 2007. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Estado de Minas Gerais - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2007.

NASCIMENTO, E. ; NASCIMENTO, E.; SILVA, J. P. Uso de álcool e anfetaminas entre caminhoneiros de estrada. **Revista Saúde Pública**, v. 41, n. 2, p. 290-293, 2007.

OIT - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Problemas ligados ao álcool e a drogas no local de trabalho: Uma evolução para a prevenção** (edição portuguesa de 2008). Genebra: Autoridade para as Condições do Trabalho, 2008.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Global status report on alcohol and health 2014**. Switzerland: Avenue Appia, 2014.

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Regional Status Report on Alcohol and Public Health in the Americas**. 2016. Disponível em: <
<https://www.paho.org/hq/dmdocuments/2015/Alcohol-report2015-Factsheet-POR.pdf>>.

Acesso em: 29 mar. 2018.

RAMOS, T. **Alcoolismo: trabalho e violência**. Um estudo a partir do programa de atendimento ao trabalhador alcoolista da UFRJ. 2002. 116 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP, 2002.

RONZANI, T. M.; NOTO, A. R., SILVEIRA, P. S. da. **Reduzindo o estigma entre usuários de drogas : guia para profissionais e gestores**. Juiz de Fora, Editora UFJF, 2014.

ROSSATO, V.; KIRCHHOF, A. O trabalho e o alcoolismo: estudo com trabalhadores. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 3, p. 344-9, 2004.

RUNDIO, A. Understanding Alcoholism. **Nursing Clinics of North America**. v. 48, n. 3, p. 385-390, 2013

SCHROEDER, C.; HOCH, V. O uso de bebidas alcoólicas entre funcionários/ colaboradores de empresas. **Unesco & Ciência**, v. 1, n. 2, p. 169-182, 2011.

SEBRAE - SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Ambiente digital dos pequenos negócios**. 2016. Disponível em: <<http://ambientedigital.sebrae-rs.com.br/>> Acesso em: 15 Abr. 2018.

SENAD - SECRETARIA NACIONAL ANTIDROGAS. **Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no ambiente de trabalho: conhecer para ajudar**. 2008. Disponível em: <https://www.uniad.org.br/images/stories/arquivos/Curso_SEAD_UFSC_SENAD_SESI.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2018.

SESI – SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. **Prevenção ao uso de álcool e outras drogas: Observatório de Indicadores de Desenvolvimento – SESI/PR**. 2016. Disponível em: <<http://relatoriosdinamicos.com.br>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

SESI – SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. **Segurança e saúde na indústria da construção no Brasil: diagnóstico e recomendações para a prevenção dos acidentes de trabalho**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://arquivos.portaldaindustria.com.br/app/conteudo_18/2014/07/28/6973/ESTUDODESS T2015.pdf?r=0.625125239368>. Acesso em: 28 mar. 2018

SILVA, A.; BEMFICA, G. Segurança no trabalho na construção civil: uma revisão bibliográfica. **Revista Pensar Engenharia**, v. 1, n. 1, 2015.

SILVEIRA, C.; ROBAZZI, M.; WALTER, E.; MARZIALE, M. Acidentes de trabalho na construção civil identificados através de prontuários hospitalares. **Revista Escola de Minas**, v. 58, n. 1, p. 39-44, 2005.

SOARES, J.; FERREIRA, C. The Relationship Between Alcoholism and Work: Contributions on the State of the Art. **Revista Trabalho (En)Cena**, v. 2, n. 2, 2017.

TECCO, J.; JACQUES, D.; ANNEMANS, L. The Cost of Alcohol in the Workplace in Belgium. **Psychiatria Danubina**, v. 25, n. 2, p. 118-123, 2013.

TRAJANO, J.; SOUZA, A. Uso abusivo e dependência de álcool em trabalhadores da construção civil: ações desenvolvidas pelo centro de referência em saúde do trabalhador/ regional Uberaba. In: X Seminário do Trabalho – trabalho, crise e políticas sociais na América Latina, 10, 2016, Uberaba. **Anais...** Uberaba: UNESP, 2016

VIEIRA, D.; RIBEIRO, M.; LARANJEIRA, R. Evidence of association between early alcohol use and risk of later problems. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 29, n. 3, p. 222-227, 2007.

ZAGO, V.; CAETANO, F.; MELO, F.; SOUZA, T.; MORAES, F. A segurança do trabalho na construção civil. In: Encontro de Tecnologia da UNIUBE, 8, 2014, Uberaba. **Anais...** Uberaba: UNIUBE, 2014.